

Quando o escritor se diverte



Da experiência de um encontro literário maçante, Cristovão Tezza se vinga com humor para escrever *Beatriz*, seu novo livro de contos

PAULO CARVALHO

paulocarvalho.pe@dabr.com.br

Numa noite de 2006, quando terminava de escrever o premiadíssimo *O filho eterno* (o título recebeu os prêmios literários mais importantes de 2008 - São Paulo de Literatura de melhor livro do ano, Jabuti, Portugal Telecom, Bravo!, APC e Zaffari & Bourbon), o catarinense radicado em Curitiba, Cristovão Tezza participaria de uma mesa redonda especialmente desagradável ("ou apenas maçante, em que vivendo a ressaca de um livro muito difícil e de futuro incerto, com a vida profissional em crise - eu já não aguentava mais a universidade, de que levaria ainda três anos para me demitir -, proponho a pensamentos negativos sobre tudo e todos, me perguntava secretamente o que estava fazendo ali, naquela situação ridícula, desconfortável no palco, sentindo-me acuado").

No dia seguinte, a experiência resultaria na escrita "frenética" do conto *Alice e o escritor* (publi-

cado pela primeira vez no mesmo ano no site *Trópico*, do portal UOL e em 2009 no jornal inglês *Drawbridge* segundo tradução de Alison Entrekin), um divertimento, literal e literário, sobre os constrangimentos do encontro maçante ("eu escrevi me divertindo - ria mesmo, feliz, das tiradas do personagem, enquanto digitava frenético a história"). Nele, Tezza põe nos limites do conto sua característica mais marcante: a maneira como os muitos narradores se imiscuem - seguindo um discurso direto que se transforma magicamente em dis-

Tezza conquistou os principais prêmios do país com *O filho eterno*

curso indireto livre, para depois emergir quase indistintamente deste mais adiante.

Acontece que *Alice e o escritor* não foi um flerte rápido com os "verdes anos" de Tezza contista. Dessa história sobre escritores rivais (um fracassado e provinciano, o outro, claro, bem-sucedido e bem-casado), nasceram outras "não tão breves e não tão longas" recém lançadas em um único livro, *Beatriz* (Record, R\$ 34,90, 141 páginas). O título é aberto pela narrativa aqui descrita, mas Alice, "nome literário demasiado óbvio sob a sombra de

Lewis Carroll", é rebatizada como Beatriz (um nome, aliás, sobre o qual talvez não se pudesse dizer algo distinto, certo?).

"Parece diferente do comum dos meus livros, pelo menos em sua gênese", explica Tezza em apresentação ao título. "Como sou um não contista, o que eu tinha ali, de fato, eram dois personagens (Donetti e Alice) que só fariam sentido para mim se tivessem mesmo um passado e um futuro", continua o escritor sobre estes duplos distantes - Antônio Donetti, criado em *Ensaio da paixão*, e a arrebatadora Alice, um "gancho" da vingança de Donetti contra o bem-sucedido Cássio.

Alice seria ressuscitada posteriormente num conto escrito por encomenda (o ótimo *Aula de reforço*). Depois vieram os textos *Alice e a velha senhora*, *Um dia ruim*, *Amor e conveniência*, todos em torno desta professora e revisora de textos. O acidente no meio dos contos surgiria em forma de romance, *Um erro emocional* (Record, 2010), inicialmente um texto que deveria ficar contido em "dez ou quinze páginas". Foi nesse momento que Alice virou Beatriz e Antônio se transformou em Paulo. O último texto de *Beatriz* é *O homem tatuado*, que segundo o autor um dia pode ser também estendido em um romance. *Beatriz* não é portanto a continuação de *Um erro emocional*, mas as premissas que levaram a ele.